

A TEMÁTICA ÉTNICO-RACIAL E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE ESTUDANTES NEGRAS NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPE.

Ednar Rosa Lima da Silva¹
Maria da Conceição dos Reis²

RESUMO

O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa que buscou responder qual a influência da temática étnico-racial desenvolvida no curso de Pedagogia da UFPE na afirmação da identidade negra de suas estudantes. Como objetivo geral, buscou-se analisar a relação entre esta temática e o processo de construção da identidade negra das estudantes do referido curso. As ideias dos autores Moura, D. (2014), Munanga (2005) e Reis (2012), deram embasamento para a discussão das temáticas étnico-racial e identidade negra. Através da abordagem qualitativa e da metodologia da história oral, realizou-se entrevistas semiestruturadas com doze estudantes de Pedagogia, cujos resultados obtidos apontam que a temática étnico-racial desenvolvida e trabalhada no curso de Pedagogia da UFPE contribuiu com o processo de construção da identidade negra das estudantes a partir de suas vivências durante a graduação.

Palavras-chave: Educação das Relações Étnico-Raciais. Pedagogia. Identidade Negra.

INTRODUÇÃO

A legislação que diz respeito à temática étnico-racial é um assunto de fundamental importância no contexto da educação formal. Segundo a Resolução CNE, nº 1, de 17/06/2004, há obrigatoriedade da temática étnico-racial nas instituições de ensino superior, abrangendo diferentes modalidades. Configurando-se como parte constitutiva do contexto acadêmico, o Curso de Pedagogia da UFPE se insere neste universo de oportunidades de discussão da temática ora apresentada, constituindo-se, portanto, num campo de aprendizagens e de disseminação da cultura negra, bem como das relações étnico-sociais.

Segundo a Resolução CNE, nº 1, de 17/06/2004:

¹Graduanda em Pedagogia na instituição Universidade Federal de Pernambuco (2017.1), e-mail: ednar_2011@yahoo.com.br.

² Orientadora. Professora do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail cecareis@hotmail.com.

As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer (CNE/CP 3/2004, p. 01).

Considerando o desenvolvimento da pesquisa em questão, com relação à temática étnico-racial no ensino superior, vale ressaltar, enquanto estudante do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE, a presença dessa abordagem por intermédio de disciplinas eletivas, da exposição de alguns educadores e, mais precisamente, através de grupos que dão ênfase à temática étnico-racial, como o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação (GEPAR).

O comprometimento desses grupos em fortalecer, junto às estudantes, o processo de construção da identidade negra e a busca pelo conhecimento de seus direitos, colaborando no sentido de seus integrantes desenvolverem conhecimentos acerca de si mesmos e de se perceberem inseridos numa sociedade que não valoriza a diversidade. Esses grupos contribuem com a inserção desses conhecimentos dentro de uma instituição de nível superior, trabalhando com identidades, pertencimentos, direitos da mulher negra, sua ascensão na sociedade brasileira e no mundo, buscando, assim, ampliar as possibilidades de igualdade dentro da diversidade racial. A partir deste olhar, foi possível vivenciar a temática étnico-raciais dentro do Centro de Educação, conseqüentemente, construindo outros olhares no contexto acadêmico.

A questão central que impulsionou esta pesquisa foi a de identificar qual a influência da temática étnico-racial desenvolvida no curso de Pedagogia da UFPE na afirmação da identidade negra de suas estudantes? Para chegar a esta resposta também foi preciso entender como a temática étnico-racial é desenvolvida no curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE, como vem sendo constituído o processo de construção da identidade negra das estudantes do curso de Pedagogia e quais as contribuições do trabalho com a temática étnico-racial para o fortalecimento da identidade negra das estudantes do curso em questão.

Como objetivo geral busca-se analisar a relação entre a temática étnico-racial desenvolvida no curso de Pedagogia da UFPE e o processo de construção da identidade

negra das estudantes. Como objetivos específicos foram elencados: descrever como a temática étnico-racial é desenvolvida no Centro de Educação; identificar como vem sendo constituído o processo de construção da identidade negra das estudantes do curso de Pedagogia; apontar as contribuições do trabalho com a temática étnico-racial para o fortalecimento da identidade negra. Os objetivos, tanto geral como os específicos foram alcançados a partir dos relatos das estudantes, uma vez que as mesmas descrevem a temática étnico-racial como o processo de transformação e construção de sua identidade, no curso de Pedagogia no Centro de Educação da UFPE e através de suas participações em grupos como o GEPAR e o NEAB.

A relevância desta pesquisa a partir da temática étnico-racial na vida das entrevistadas faz parte de um contexto histórico na área da educação. Tal contribuição reverbera no curso de Pedagogia desta instituição superior, do ponto de vista da sua qualidade de ensino e da sua influência na sociedade.

A partir do convívio com esses grupos supracitados e das participações em atividades acadêmicas desenvolvidas no Centro de Educação, como palestra, seminários, disciplinas eletivas, entre outros, pressupomos que as estudantes negras tenham a possibilidade de se perceberem como mulheres mais críticas, uma vez que a sua abordagem enfatiza o processo de construção e transformação da identidade pessoal e coletiva.

Diante disso, compreendemos a necessidade desta temática étnico-racial fazer parte do convívio acadêmico, uma vez que esses eventos palestra etc, contribuem para essa formação identitária negra na sociedade.

Moura (a, 2014) ressalta a inserção do negro na sociedade e a formação de sua identidade. A autora traz uma abordagem dos movimentos negros como colaboradores desse processo. É sabido que estes grupos existentes no Centro de Educação da UFPE, trazem em seus eventos, seminários, palestras, atividades relacionada com alguns movimentos negros, pois através dos mesmos é possível evidenciar a diversidade étnico-racial contribuindo na formação dessa identidade negra.

Segundo Moura, D, 2014:

Uma grande conquista dos movimentos negros em relação à educação e às relações étnico-raciais foi a promulgação da Lei 10.639/03. A educação e as relações étnico-raciais em nossa sociedade torna-se imprescindível na medida em que contribui para que a escola brasileira, pública e privada, possa realizar uma revisão de suas posturas, procedimentos, atitudes, valores, conhecimentos, currículos quanto ao trabalho dado a diversidade étnico-racial (p.46).

Diante da abordagem da autora, os movimentos negros também fazem parte dessa construção identitária, bem como a Lei 10.639/03 contribuindo no contexto acadêmico e social. Sendo assim a autora traz um entendimento sobre a construção da identidade negra a partir das relações sociais e étnico-racial para que possamos revisar nossos conceitos sobre a diversidade. Moura descreve a educação no âmbito institucional, para uma revisão sobre a temática étnico-racial.

Porém, a autora enfatiza a construção da identidade negra, a educação das relações étnico-raciais, que fazem parte dessa construção identitária. Moura também aborda a importância dessa temática na educação brasileira, uma vez que entendemos que muitas das estudantes do Centro de Educação, passaram a ver a importância dessa temática em sua vida acadêmica, social e pessoal, a partir desses acontecimentos na UFPE. Sendo assim a autora traz um entendimento sobre a construção da identidade negra a partir das relações sociais.

Alguns aspectos colaboram para identificação e necessidade dessa temática ser trabalhada no universo da academia, mais especificamente junto às estudantes do curso de Pedagogia. Porém esta pesquisa justifica-se pela nossa inquietação e interesse na temática étnico-racial uma vez que, para minha formação como futura docente, será necessário um aprofundamento por se tratar dos direitos e estudos afro-brasileiros. Porém, no Centro de Educação termos encontrado alguns trabalhos acadêmicos das autoras Mayara Euzébio dos Santos e Tamires Carneiro da Silva, com o título: *“A Influência da Obra de Carolina Maria de Jesus na Educação para Afirmação da identidade de Mulheres Negras”*, e das autoras Adja Motta de Oliveira e Fabiana Leandro de Souza, com o título: *“Identidade racial na educação infantil: o que pensam as professoras acerca da educação das relações raciais e da construção de uma autoimagem positiva da criança negra?”* Um outro aspecto situa-se na verificação de estudos referentes à identidade étnico-racial no site do Centro de Educação/UFPE e do Scielo acadêmico e, por fim, tendo em vista a presença deste conteúdo, objeto desta pesquisa, inserido nos contextos através de grupos de pesquisas dentro do Centro de Educação, como o *GEPAR* e o *NEAB*, ambos direcionados para a temática étnico-racial. Todos estes aspectos são mobilizadores e geradores de conhecimento sobre a formação identitária como parte de uma sociedade multicultural, mas também, impulsionadores de uma autoafirmação nas estudantes negras.

As histórias de vida narradas nessa pesquisa confirmam a importância da temática étnico-racial como processo de construção da identidade negra. As vivências das estudantes entrevistadas com a temática étnico-racial e a autoafirmação das mesmas enquanto mulheres negras contribuíram para a realização e o enriquecimento desta pesquisa, do ponto de vista da amplitude de conhecimentos e de contribuições resultantes da participação das mesmas em espaços de aprofundamento temático, tais como palestras, eventos, seminários e alguns grupos e núcleos de estudos.

Os relatos das estudantes negras descrevem sobre o processo de identidade gerado a partir da percepção da realidade onde se situam, bem como, da realidade enquanto objeto de desejo das mesmas, configurando-se enquanto conteúdos que fizeram parte complementar na formação de sua identidade. Este processo identitário também foi se descortinando a partir da interação com as demais pessoas, passando a entender o espaço do outro como parte desse mundo de diversidades. Ao participarem dos eventos, palestras, grupos de pesquisas, etc., as estudantes negras aprofundam a inserção nesse contexto histórico, debatendo sobre preconceito, aceitação, empoderamento e sobre sua cultura negra, identificando-o com um universo já existente dentro de cada uma delas.

Como contribuição a partir desta pesquisa, trago para o curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE os relatos das entrevistadas, que fazem uma explanação.

Clara, emocionada e aprofundada de suas histórias de vida dentro dessa academia, na condição de estudantes negras, fortalecendo a temática étnico-racial dentro do Centro de Educação que se constitui, assim, como espaço de referência dessa temática entre estudantes, docentes, comunidade acadêmica e sua extensão.

A amplitude deste conhecimento e dos conteúdos relatados nas entrevistas, enquanto reveladores de potencialidades críticas desenvolvidas nas estudantes corroboram para a defesa e a necessidade de pensar a inclusão da temática étnico-racial na formação docente enquanto disciplina obrigatória dentro do currículo de Pedagogia. Sendo assim, trago também a relevância desse tema para formação de futuros docentes, pois compreendo que existe uma necessidade de muitos compreenderem a temática étnico-racial como formadora de identidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A identidade negra é um constructo que vai se desenvolvendo nos processos vitais, portanto não é uma experiência nata por parte da comunidade negra. A convivência social, na sua diversidade de provocações e vivências, configura-se enquanto espaço de apropriação gradativa de aspectos da formação do ser e, neste campo, situam-se as descobertas acerca da identidade que lhe é própria. Especificamente no universo das descobertas identitárias étnico-raciais, o ser vai tomando conhecimento e desenvolvendo concepções que o fortalece enquanto pessoa e também como parte integrante de um grupo que, a partir da identificação das negações a ele atribuídas historicamente, insere-se nas lutas contra o racismo, preconceito e discriminação.

A relação étnico-racial e a identidade negra

O reconhecimento de uma identidade e cultura negra ainda faz parte do universo do inacabado, ou seja, das perspectivas e não das definições. Neste contexto é possível afirmar que a identidade negra ainda carece de um reconhecimento social e de uma afirmação isenta de ressalvas. Portanto, essa temática étnico-racial traz a discussão da identidade negra como uma construção pessoal, mais especificamente, enquanto pessoa inserida e parte inseparável de uma sociedade cujo convívio com outros grupos e pessoas nem sempre se efetiva na sua maneira mais natural, justificando-se as lutas pelos seus direitos, suas afirmações identitárias e seu lugar na sociedade.

Na perspectiva de refletir, aprofundar e gerar novos conhecimentos sobre os aspectos supracitados neste trabalho apresentamos alguns teóricos que abordam o tema da identidade negra como processo de transformação pessoal, moral, social e de um povo esquecido diante da sua cor.

Munanga (2005) através de sua obra *Superando Racismo na Escola* apresenta suporte teórico importante a partir de fontes referenciais de onze autores com abordagem temática, objeto desta pesquisa, cada um com suas interpretações e seus conhecimentos técnicos específicos. Nesse contexto, descreve a luta do negro,

afirmação de identidade e o registro de sua contribuição como formadores de cultura na sociedade brasileira.

Segundo Munanga, 1999, p. 14 *apud* Moura 2014, p. 60..

Como formar uma identidade em torno de cor e da negritude não assumidas pela maioria cujo futuro foi projetado no sonho do branqueamento? Como formar uma identidade em torno de uma cultura até certo ponto expropriada e nem sempre assumida com orgulho pela maioria de negros e mestiços. (MUNANGA, 1999, p. 14).

O autor faz alguns questionamentos sobre a negritude não assumida e descreve que o negro projetava um futuro na contramão de sua realidade, ou seja, se sentir branco para ser inserido na sociedade de uma maneira aceitável, portanto, negando sua condição de negro. Neste sentido, pode-se reafirmar que a sociedade configurava o negro como sendo inferiores, muitos negros passavam a ter ilusão de que a sua cor seria mudada se os mesmos mudassem de atitude, de comportamentos ou as suas visões de mundo, mas, apesar do sonho de branqueamento de muitos, sempre continuaram sendo negros.

Ao falarmos de identidade, podemos entender como um processo que se forma com o tempo, bem como através de algumas estruturas, como a social, familiar, escolar etc. A partir daí esse indivíduo constrói uma identidade coletiva, buscando uma construção social. Alguns autores discutem sobre o processo de construção da identidade negra e destacam a necessidade do fortalecimento da mesma.

Gomes descreve a identidade negra como formação de um contexto histórico. Dessa forma a autora afirma que os negros brasileiros constroem suas identidades num contexto que envolve os aspectos históricos, sociais, políticos e culturais a que são submetidos (GOME, 2008 p. 98).

Segundo Gomes 2008, p.98 *apud* Moura 2014, p.47.

Como toda identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individualmente e socialmente de forma diversa, no caso brasileiro essa tarefa torna-se ainda mais complexa, pois se realiza na articulação entre classes, gêneros e raça no contexto da ambiguidade do racismo brasileiro e da crescente desigualdade social.

Gomes descreve a identidade negra como parte de uma construção na sociedade, sendo assim, essa construção identitária está inserida como parte de uma vivência no

mundo, ou seja, permeada por relações interpessoais que envolvem diferentes classes, gêneros e raça.

Portanto, a compreensão do processo identitário se dá de várias maneiras, uma vez que ao adentrarmos em uma sociedade já estamos fazendo parte de uma identidade social. Essa compreensão ocorre na medida em que nos identificamos com diferentes conhecimentos sociais e também históricos, nos relacionamos com diferentes identidades e, conseqüentemente, agregamos novas aprendizagens aos conhecimentos adquiridos e com os quais nos identificamos.

Segundo Reis (2012):

A autoimagem, como conceito eliasiano que representa o modo como as pessoas se percebem na vida, na sociedade e/ou na sua nação, está aqui relacionada ao modo como a pessoa negra, que afirma esta identidade, se reconhece criticamente e se auto identifica com orgulho de sua história, etnia, cor, cultura, entre tantos outros aspectos afro-brasileiros. (p. 13).

A autora aborda a autoimagem descrevendo a percepção que a pessoa tem sobre si mesma e as diversas maneiras de entendimento acerca de seu papel na sociedade. Na medida em que a pessoa negra se autoafirma e, portanto, se auto identifica com orgulho de sua história, também se desenvolve um nível mais elevado de segurança de si diante dos outros. A autora aborda a autoimagem como parte da convivência social, da sua percepção de vida, bem como, de sua aceitação diante desse convívio e participação no contexto social (REIS, 2012).

Educação das relações étnico-raciais

O entendimento acerca da Educação das relações étnico-raciais passa também pela compreensão acerca do sentido e do papel da educação, como um todo. Para alguns autores a educação tem um papel importante dentro da sociedade, fomentando processos de transformação e novas cosmovisões.

Moura, D.(2014) aborda o papel da escola, da educação, afirmando a responsabilidade no desenvolvimento de uma afirmação de identidade. Moura defende que na escola deveria ser criado novos espaços pedagógicos para que a criança já inicie sua fase escolar sobre a temática étnico-racial, uma vez que a instituição de ensino, seja de qualquer modalidade, tem como compromisso, a construção de uma identidade coletiva, ou seja, uma identidade social.

Segundo Moura, D:

Considero um desafio desenvolver, na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro, por meio de um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens e a se reconhecer como brasileiro (2014, p. 69)

Posto isso, ressalta-se a necessidade e a relevância dessa temática nos diferentes espaços de educação formal e, inclusive, informal, para que a identidade étnico-racial seja evidenciada como parte de uma existência humana dentro da coletividade que a caracteriza. Nesse sentido, enquanto parte fundamental desse constructo histórico que pressupõe as relações interpessoais com diferentes e comuns interesses.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Do ponto de vista metodológico, este trabalho pauta-se numa pesquisa de caráter qualitativo, compreendendo tal metodologia como possibilidade viável de apropriação da realidade dos sujeitos. Segundo Ludke e André (1986, p. 13): "A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos do contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes".

Como fonte de pesquisa, a história oral trouxe uma nova perspectiva de informações com referência à problemática em análise. Segundo Alberti (2005, p. 18), a história oral permite consultar as entrevistadas, dessa forma podemos entender suas falas a partir dos seus relatos de vida. A importância da história oral para essa pesquisa

O critério de definição e escolha das entrevistadas foi a inserção das mesmas no universo da temática étnico-racial e em grupos de pesquisas como o NEAB e o GEPAR, bem como, confirmando esta inserção comprometida, por participarem ativamente dos eventos, palestras e seminários no contexto racial, dentre outros relacionados. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, uma vez que, com as mesmas, há a liberdade de serem alteradas. Para Trivinos (1987, p. 146) "a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa".

Em função dos resultados obtidos por intermédio das entrevistas, o presente artigo buscou analisar os discursos dos sujeitos envolvidos com a temática étnico-racial (estudantes negras do curso de Pedagogia da UFPE). Como coleta de dados, foi realizada uma entrevista com 10 perguntas com o total de doze estudantes negras do CE/UFPE.

Portanto deu-se o processo das entrevistas gravadas, tendo o registro das mesmas sido feito com editor de áudio, e com a permissão das entrevistadas. Esse caminho facilitou o percurso para obtenção das respostas que foram transcritas, fielmente e, posteriormente analisadas.

O público alvo, estudantes negras do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE, foi escolhido por entendermos que esse processo de transformação de identidade é fruto da vivência cotidiana das estudantes, mas também da luta de muitos docentes, buscando agregar a perspectiva de uma nova afirmação da identidade negra e o reconhecimento dos direitos como cidadãs negras.

O critério de escolha das entrevistadas para a realização dessa pesquisa nasceu a partir da minha trajetória dentro do Centro de Educação no curso de Pedagogia, por entender que essas estudantes que participavam dos eventos, palestras, Seminários etc, estavam obtendo algumas modificações visuais, verbais e comportamentais. Dessa forma, tendo em vista o permanente contato com estas estudantes, pude perceber as potencialidades e grandes possibilidades de traduzir estas percepções em realidade, por intermédio de suas expressões orais.

Foram realizadas as entrevistas com as estudantes do Centro de Educação, um total de dez estudantes negras, acrescido de um quantitativo de mais duas estudantes, devido a repercussão de seus interesses por participarem da mesma. Como instrumento de pesquisa, elegemos a história de vida elaborada por Gersick & Kram (2002), que propicia informações dos sujeitos pesquisados, a fim de estudar também as mulheres negras no cotidiano acadêmico.

Através desse instrumento foi possível obter informações dos sujeitos, por intermédio de relatos que descreveram sua participação e convivência com a temática étnico-racial, e que repercutiram gerando transformações ou contribuições identitárias. Após este procedimento foi possível obter conteúdo que nos levou a uma melhor compreensão de como ocorre esse processo de transformação da identidade negra.

Foi construído um roteiro de entrevistas versando acerca dos seguintes blocos temáticos: 1º bloco: questões sociodemográficas; 2º bloco: questões autobiográficas; 3º

bloco: questões da pesquisa. As transcrições das entrevistas obtidas nesse processo serão inseridas no conjunto deste artigo, pois obtivemos a autorização das mesmas. As análises foram elaboradas mediante as informações obtidas nas entrevistas, sendo utilizadas como citações nas categorias temáticas.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E AS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Para efeito de organização dos dados obtidos a partir das informações coletadas com as estudantes negras do Centro de Educação da UFPE, foram realizados alguns blocos temáticos supracitados acima.

Neles, inserem-se as contribuições das entrevistadas para a elaboração desta pesquisa. A temática étnico-racial no curso de Pedagogia constitui-se foco central dos questionamentos e interesses da presente pesquisa. Uma das principais questões pauta-se no que concerne à ausência desta temática no currículo oficial enquanto disciplina obrigatória, relegando-se apenas à uma condição eletiva, na forma de eventos, palestras, seminários e etc. Os relatos das estudantes, na medida em que expressam satisfação em terem vivenciado diferentes experiências positivas, corrobora com a defesa da inserção desta temática no currículo oficial do Curso.

Com relação a temática de fato, embora muitos acreditem que não tem relevância, não é importante, isso não pode ficar fora do currículo oficial, isso é importante sim porque eu vejo, eu percebo essa mudança aqui também no Centro de Educação, quando essas professora começam a discutir, começam a promover eventos em situações para discutir essa temática, eu comecei a ver pessoas, assumindo seus cabelos crespos, assumindo a sua identidade negra, isso para mim foi importante porque ai eu comecei a desconstruir esse pensamento de que aqui não era meu lugar, e comecei a dizer sim aqui é meu lugar, aqui também é um lugar para mim (transcrição da entrevista de Rafaela Maria).

Diante desta afirmação da estudante, entendemos a importância dessa temática para academia e na construção da reforma do curso de Pedagogia da UFPE. Essa fala evidencia a necessidade de uma mudança urgente, pois a temática étnico-racial está sendo trabalhada dentro do centro de Educação da UFPE, por alguns docentes que trazem seus conteúdos através desses eventos: palestras, seminários, eletivas e etc. Isso

não garante que seja trabalho o conceito étnico-racial em todo o curso de Pedagogia, uma vez que não sendo obrigatórios, muitos docentes não percebem a importância de ser inserida na formação dos discentes. Porém se essa temática étnico-racial não estiver inserida como obrigatória no currículo de Pedagogia, fica uma grade lacuna que muitos discentes não terão acesso, uma vez que é a escolha de alguns docentes e não de todos, trabalhar esses conteúdos em sala de aula, para formação de uma sociedade igualitária.

Caracterização do grupo

Tabela- 1/ faixa etária / religião / período acadêmico das entrevistadas.

<i>Tabela das entrevistadas</i>			
Estudantes	Idade	Religião	Período acadêmico
Estudante 1	23 anos	Não tem	10º período
Estudante 2	23 anos	Não tem	Pós-Graduação
Estudante 3	24 anos	Evangélica	7º período
Estudante 4	25 anos	Católica	4º período
Estudante 5	25 anos	Protestante	10º período
Estudante 6	25 anos	Não tem	5º período
Estudante 7	26 anos	Espirita Kardecista	10º período
Estudante 8	Não informou	Não tem	7º período
Estudante 9	44 anos	Não tem	8º período
Estudante 10	48 anos	Católica	8º período
Estudante 11	50 anos	Espirita Kardecista	2º período
Estudante 12	59 anos	Católica/todas as religiões	10º período

Fonte: Ednar Rosa Lima da Silva / 2017.1

As doze estudantes são todas mulheres negras de faixa etária diferenciada. Observou-se através da tabela que a faixa etária dessas estudantes é de 23 anos a 59 anos e as mesmas tiveram processo de construção identitária no decorrer de sua graduação na UFPE. Através de seus relatos, as mesmas confirmam seu envolvimento com a temática étnico-racial, bem como a luta contra o preconceito, por seus direitos, e a busca para serem reconhecidas como negras independente de suas idades.

Outro ponto observado foi que nos casos em que as entrevistadas não têm religião, identifica-se que o fator religião não teve interferência ao assumirem sua identidade negra, ou seja, em se autoformarem negras, uma vez que a sociedade muitas vezes associa o negro com a religião afro-brasileira.

Outro aspecto observado consiste nos diferentes períodos acadêmicos os quais as estudantes estão inseridas e sua influência no processo de apropriação e fortalecimento de sua identidade negra. Segundo seus relatos, estar em períodos iniciais ou finais trazem algumas diferenças em relação à apropriação da temática étnico-racial, bem como, em relação à consciência e sensibilização acerca da identidade negra. Algumas das estudantes descrevem o processo de transformação, aceitação e/ou afirmação identitária somente a partir da inserção no curso de Pedagogia no Centro de Educação. Uma das entrevistadas se autoafirmou como negra a partir do convívio com a temática étnico-racial no terceiro período do curso de Pedagogia, declarando que esta fase, com as vivências experimentadas, foi decisiva para sua escolha em continuar na academia e, ao mesmo tempo, se autoafirmar como negra.

Entre as doze entrevistadas, duas disseram que para ser negra, necessariamente, não precisa de cabelos crespos ou vestes coloridas. Na visão destas estudantes, seu jeito pessoal de se vestir e de ter seu cabelo alisado, não interfere na sua afirmação da identidade negra.

Porém constata-se que a temática étnico-racial contribui no processo de construção dessa identidade negra. Realidade esta que dá significado e que representa, portanto, a eficácia político-pedagógica do curso de Pedagogia no Centro de Educação da UFPE.

Construção de identidade negra

Munanga aborda a questão da identidade negra e o processo histórico dessa construção. Para o autor, a identidade negra não surge da cor da pele. Ele ressalta:

A identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e/ou negras e amarelas. Ela resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento no século XV do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses, descobrimento esse que abriu o caminho às relações mercantilistas com a África, ao tráfico negreiro, à escravidão e enfim

à colonização do continente africano e de seus povos. (MUNANGA, 2005, p. 01)

Segundo o autor, essa discriminação atribuída ao negro é uma realidade que ultrapassa séculos de história. Os relatos abaixo apresentados, representativos dos sentimentos e concepções construídas pelas entrevistadas, denotam aproximação conceitual com a visão do referido autor.

Ser negra é se identificar com a cultura. Um povo que lutou contra escravidão, um povo que vive ainda lutando contra os preconceitos, a resistência das pessoas em diminuir a pessoa simplesmente pelo tom de pele, isso não diminui ninguém por ser branco ou ser negro. Ser negro para mim é isso, igual ao outro, apenas diferença de cor, uma pigmentação na pele, ser negro para mim é isso (transcrição da entrevista de Claudia Oliveira).

Ser negra é autoafirmação, é se auto afirmar todos os dias, para mim hoje em dia é muito tranquilo falar sobre essa temática, mas se fosse quatro a cinco anos atrás, eu não diria que seria negra, você me falava e eu ia dizer, eu não sou negra, sou morena (transcrição da entrevista de Maria Jaciara).

Na interpretação destas estudantes, ser negra é ter uma visão libertadora de sociedade, de rejeição ao preconceito, de luta contra a escravidão. Algumas falas descrevem sentimentos dessa rejeição racial pela sociedade.

Ser negra para mim é uma afirmação política muito mais que uma questão biológica, uma questão fenotípica, eu acho que realmente é um posicionamento político que a gente tenta reafirmar diariamente. Para mim, apesar de travar várias lutas, é uma questão de muito orgulho da ancestralidade que eu sempre estou buscando, a maior compreensão de que a nossa história da humanidade ela começa no berço da África, então isso para mim me dá muito orgulho e diariamente busco mais força para continuar reafirmando meu posicionamento político (transcrição da entrevista de Raiza Oliveira).

E eu me identificar, eu acho que não é só âmbito de cor, ser negra é mais do que isso, é me identificar é uma coisa cultural. E me identificar culturalmente como mulher negra (transcrição da entrevista de Olívia Georgiana).

Eu sempre falo que eu passei a vida toda tentando descobrir exatamente a resposta dessa pergunta. Ser negra é vivenciar processos, eu falo isso porque que a gente acaba descobrindo (...) eu acabei descobrindo aqui na Universidade que você vivência coisas que especifica para você o que é ser negra (transcrição da entrevista de Elis Cristina).

A maneira pela qual expressam seus posicionamentos, suas interpretações e a forma como se colocam na sociedade, do ponto de vista da realidade social, política e racial. Para algumas entrevistadas, essa questão étnico-racial traz uma história que ainda não foi compensada, ou seja, uma história que se repete secularmente sem referências estruturantes de resolução. Munanga (1994), ao falar sobre identidade destaca:

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p. 177-178)

Para Munanga, a sociedade selecionou aspectos que definem a identidade, por isso a descrição das entrevistadas traz uma reflexão sobre a sociedade que transforma ou descreve ideologias. Para essa entrevistada a sociedade tem um padrão:

Hoje, bem diferente do que eu me via antes de começar a discutir essa temática de Educação e Relações étnico-raciais. Hoje acho que eu sou quem de fato eu sou, antes eu tentava me enquadrar em um padrão que para não ser excluída muitas vezes, hoje eu me sinto bem, hoje eu me sinto com mais liberdade para expressar de fato quem eu sou sem ter vergonha, principalmente as minhas características físicas (Transcrição da entrevista de Rafaela Maria).

Os relatos acima retratam uma experiência com e na sociedade, pautada na superação de preconceitos frente à própria imagem, antes construída a partir de uma visão destrutiva de seu estar no mundo e, hoje, desconstruída para dar lugar a uma imagem cuja percepção dela traduz uma afirmação do ser negro, portanto, uma negação de seu estado inferior. Tal relato nega uma condição imposta pela condição social, mas também, pela apropriação ainda limitada de conhecimentos que, expressos e assimilados, geram novas formas de se posicionar na sociedade. Daí a refeição em viver em uma sociedade que exclui o negro por ser diferente na cor, que impõe padrões de conduta, rotula o negro como se ele fosse um objeto de uso, uma sociedade que busca valoriza as aparências sociais em detrimento da realidade pessoal.

A relação da fala de Munanga e das estudantes enfatiza uma sociedade que discrimina uma identidade que se constitui através de preconceitos e definem essa

identidade da forma que a sociedade impõe. Para essas entrevistadas e o autor, a sociedade tem um padrão e uma ideologia para que o negro se enquadre nos rótulos sociais.

Identificação com a temática étnico-racial

Segundo Reis (2012, p.40) vemos que a sociedade atual tem provocado e determinado, a partir de seu tratamento desigual, várias diferenças sociais, e por isso o surgimento e a necessidade de construções e reivindicações de diversas identidades.

Considerando a discussão de gênero, a fala de Reis, supracitada, esclarece situação representativa da condição e do papel da mulher, considerada desigual e inferior aos homens, inferiorizada socialmente. Neste sentido, entendemos a dificuldade que as mulheres negras enfrentam diante da sociedade, uma vez que precisam se afirmar como mulheres e como negras, portanto lutando por uma identidade social, atravessando preconceitos e buscando seus direitos (REIS, 2012).

Para Reis (2012), além do pertencimento ao grupo de mulheres, surge a necessidade da construção da identidade de mulheres negras, devido às especificidades que este grupo tem na sociedade brasileira e que a diferencia do grupo de mulheres brancas. Muitas mulheres negras vítimas de preconceito, por vezes, carregam em si uma imagem pessoal e social distorcida, identificando-se como diferentes, porém numa conotação de inferiores.

A professora Conceição Reis, como mulher militante. Depois conheci outras professoras, a professora Elite, professora Maria Auxiliadora e também os alunos, os alunos passando pelos corredores. Aqui você ver essa forte presença do negro, agora do negro realmente como ele é, em questão de suas roupas, em questão de seu cabelo. Principalmente a questão que me tocou muito foi a questão do cabelo, das meninas e dos meninos também em se aceitarem como são, em não quererem entrarem nesse perfil que a sociedade diz que seria o correto (transcrição da entrevista de Débora Cássia).

Teve influência das professoras que me marcaram muito, que foi a professora Dayse Moura e a professora Ceça Reis também, porque quando você olha mesmo sem elas falarem nada, você consegue perceber que elas se identificam dessa forma como mulheres negras (transcrição da entrevista de Gabriele Tavares).

Nas citações descritas, as estudantes relatam uma visão dos acontecimentos existentes no Centro de Educação. Segundo as mesmas, em seu percurso acadêmico foi

possível perceber docentes que tem uma representação como mulher negra, bem como pessoas que circulavam nos corredores do Centro de Educação, ou seja, o negro como ele realmente é, a partir dos seus comportamentos pessoais e/ou coletivos. Essa estudante traz uma visão do negro da nossa realidade, ou seja, aquele que tem os cabelos crespos, vestes específicas e uma auto aceitação.

Para (Moura, D, 2014) o papel da sociedade e as práticas escolares se torna fundamental no processo da identidade negra.

Segundo Moura:

Entendemos como é importante o papel social das práticas discursivas escolares no processo de afirmação da negritude. O docente tem um papel fundamental nesse processo na medida em que pode contribuir para construir discursos contra- hegemônicos que proporcionem aos discentes refletirem sobre seu pertencimento racial, as relações ideológicas e de poder subjacente, podendo despojar-se do sentimento de inferioridade. Os docentes conscientes desse processo são fundamentais para evitar que continue silenciando, escamoteando ou não querendo assumir o debate sobre as relações étnico-raciais brasileira nas escolas, aspecto que não contribui para os processos de empoderamento e afirmação da identidade negra (MOURA, 2014, p. 210).

Diante da abordagem de Moura, os docentes podem contribuir com esse processo de transformação identitária, uma vez que no Centro de Educação encontramos as práticas de alguns docentes nos debates sobre a temática étnico-racial, segundo as próprias entrevistadas.

Acredito que através dos seminários que nós participamos, dos eventos que são promovidos pelo NEAB, pelo movimento negro, onde eles vão trazendo relatos, trazendo literatura para gente, onde essa vivência vai nos enriquecendo em relação a essa questão étnico-racial, as questões dos preconceitos, como trabalhar só nas escolas, como identificar isso não só na escola no nosso espaço de trabalho, na nossa família que muitas vezes a gente está reproduzindo conceitos equivocados, preconceituosos em relação aos outros (transcrição da entrevista de Karla carvalho).

A descrição dessa citação feita por essa entrevistada, esclarece a questão central desta pesquisa, uma vez que transmite a importância da temática étnico-racial dentro do Centro de Educação. Dessa forma, as alunas trazem a relevância da temática para fortalecer e assumir sua identidade negra, além da percepção de que a academia é seu lugar por direito.

Diante de relatos das estudantes, a temática étnico-racial trouxe uma aceitação de identidade até então muitas delas não compreendiam o que seria identidade antes desses eventos palestra e os grupos já citados, NEAB e GEPAR. Os referidos grupos trazem essa temática como contribuição na construção da identidade negra dessas estudantes.

Embasada na fala da autora e das estudantes, a representação da mulher na afirmação da identidade negra, diante de acontecimentos no espaço acadêmico, uma vez que as docentes contribuem para essa construção identitária no Centro de Educação da UFPE.

As vivências sobre a temática étnico-racial no Centro de Educação

Segundo descreve Joaquim 2001, p. 52 *apud* Reis 2012, p.48

Uma das manifestações de identidade social é a identidade étnica, que permite apreender a própria etnicidade e constitui a principal característica do grupo étnico. [í] O principal significado emocional de pertencimento a um grupo étnico é um princípio organizador e mobilizador de interesse de grupos específicos, com isto, podendo possuir uma conotação positiva. Grupos étnicos são grupos cujos membros possuem uma identidade distinta e atribuída e, ao mesmo tempo, têm, basicamente cultura, origem e história comuns.

Neste contexto, valoriza-se a identidade étnica enquanto manifestação de uma identidade social, e não dissociada da mesma, porém, uma identidade com caráter distinto, mas também com características comuns. Na compreensão da fala das entrevistadas, identificamos, em parte, aspectos da identidade étnicos descritos acima.

Eu sempre costumo me lembrar da primeira vez que a professora Auxiliadora chegou na sala, acho que isso causou impacto muito grande em mim, acho que em toda turma de certa forma, era tão incomum uma docente negra chegando aqui no Centro de Educação, embora já tivesse outras que chegaram antes dela, mas ter uma professora, cursar uma disciplina com ela, causou um impacto muito grande, mas foi impacto positivo, foi um impacto de dizer nossa, consigo me identificar nela, consigo me achar nela, assim as discursões que ela fazia trazendo a história de vida dela, que a gente ia se identificando porque também é nossa história de vida, então isso para mim aqui no curso, foi algo realmente decisivo, algo para mim inserir nessa discursão e estar sempre engajada nessa luta (transcrição da entrevista de Rafaela Maria).

Este relato é um retrato da importância que essa temática tem no Centro de Educação, bem como, da singularidade deste na vida das estudantes. Neste sentido, a existência do Centro pode ser entendida como parte da identidade de algumas estudantes, dada a sua percepção valorativa acerca dele. Em sua expressão, a entrevistada supracitada relata sua satisfação em ter docentes que a incentivou na escolha dessa temática étnico-racial como complemento de sua formação acadêmica. Podemos citar algumas das mulheres docentes do Centro de Educação da UFPE: Auxiliadora Martins, Ceça Reis, Dayse Moura. Essas mulheres trazem sua afirmação de identidade negra, fazendo refletir sua identidade negra e servindo de exemplo para estas estudantes do curso de Pedagogia.

Impactos e memórias com a temática étnico-racial.

Por intermédio das informações coletadas nas entrevistas foram relatadas muitas memórias e diferentes impactos das estudantes na relação das mesmas com a temática étnico-racial. Dessa forma, descrevem suas reações diante dos diferentes preconceitos sofridos nas relações sociais. Algumas das entrevistadas conseguem transmitir seus sentimentos diante do que foi vivenciado, expressando rejeição social, preconceito e percepção da ignorância daqueles dos que não entendem que o/a negro/a também pode ter oportunidades nos ambientes sociais, além de poderem situarem-se em estâncias de poder e de decisão em diversos segmentos.

E a partir do momento dessas palestras, minha experiência, é que eu passei a refletir, porque na escola só ensina agente o sofrimento do negro, o negro foi escravo, mas não diz ai que o negro é um doutor, que o negro está no mercado apesar das lutas das resistências a gente está vencendo, o negro está no mercado, o negro é doutor, é advogado, o negro pode ser o que ele quiser. Nessa palestra me fiz ver isso, eu achava que eu ia chegar lá, mas não tinha fé não e a partir disso eu poderia chegar se eu quiser eu consigo chegar lá, se muitos negros chegaram, eu também consigo chegar lá (transcrição da entrevista de Claudia Cristina).

A partir de uma vivência com um tema abordado no Centro de Educação, a referida estudante descreve sua satisfação em ter conhecido essa temática étnico-racial. A interpretação de seu relato nos faz entender que o sentimento gerou um processo decisório em sua vida, na medida em que a estudante compreende que pode chegar a um

patamar acadêmico, como as referências profissionais mencionados. Moura menciona a importância desta temática para formação do professor, de funcionários, da sociedade e etc.

Segundo Moura:

Assim poderemos identificar o quanto os conteúdos referentes às relações étnico-raciais brasileiras precisam ser de fato trabalhadas nos processos de formação inicial, continuada e em serviços dos docentes para que os mesmos possam ser capazes de desenvolver discursos mais emancipadores, qualificar o debate em sala de aula e garantir processos de aprendizagem significativas dos discentes (MOURA, a 2014, p. 231).

Para autora, precisamos observar os discursos sobre essa temática étnico-racial. Segundo algumas entrevistadas, essa temática foi fator decisivo na sua identidade negra, que nos faz refletir da sua importância dentro da UFPE, para formação dos docentes.

A citação descrita a seguir, relata uma vivência de preconceito racial na sociedade. A entrevistada descreve um racismo explícito diante dos fatos ocorrido, porém percebemos o quanto essa temática é necessária em sala e aula, para que nossas crianças não cresçam discriminando os outros, pois é na sala de aula que aprendemos sobre a escravidão.

Eu acabei um namoro por conta (...) como falei anteriormente, quando eu quis cortar o cabelo, trazer ele ao natural, o meu namorado, ele é loiro, olhos claros, eu também sou do mundo da música, de pessoas que estão na mídia, faço bege vocal e ele me perguntou ãse as pessoas com quem eu convivo, se as pessoas me aceitaram depois que eu resolvi cortar o cabelo para trazer ele ao natural? E eu falei para ele que ãeu cortei o cabelo para mim, não cortei o cabelo para ninguém, eu não vivo para os outrosõ. Daí desencadeou várias piadinhas, eu tive que terminar o namoro porque não estava suportando tanta discriminação por parte dele. Ele ficava ligando para continuar com essas piadas e eu não aceitei, então ele começou a mandar mensagens via celular e nas mensagens ele dizia assim: ãvocê não me quer mais, mas veja bem os senhores de engenho tinham suas escravas a hora que eles queriamõ (transcrição da entrevista de Liliana Luís).

O relato expõe o preconceito explícito em uma sociedade que, de certa forma, não prepara a população para lidar com a diversidade. A família, igreja, sociedade, escola e demais instituições devem contribuir para combater as diferentes e destrutivas

formas de preconceito. Numa sociedade classista e preconceituosa, uma parcela da população age como se tivesse direito de diminuir o outro por conta da sua cor, e por isso fazem uso de expressões pejorativas, apropriados de uma linguagem que visa tornar inferior a outro e diferente ser humano.

Por incrível que pareça. Que eu me lembre eu nunca me senti discriminada até chegar na Universidade, que por umas três vezes me confundiram com uma faxineira ou lavadeira de banheiro, mais isso não me abalou(...) mais nem um pouco (Vera Barbara).

Aqui na faculdade. Tive problemas assim, velados (...) o racismo aqui na Universidade na minha sala é um racismo bem velado. Mais que aos poucos fui pedindo, pedindo não, eu fui forçando situações para que eles transparecessem para discussão, para trazer para o diálogo, porque não dava mais para viver situação que estava acontecendo na sala (transcrição da entrevista de Lucione Santiago).

Os relatos apontam situações de preconceito vivenciado dentro da própria academia, entre pessoas que, por estarem inseridos em discussões técnicas, acessando conhecimentos ampliados a partir de referenciais teóricos e práticos importantes no campo da pesquisa científica, poderiam apresentar visões de mundo mais abertas ao diálogo e ao fomento de paradigmas que desvelassem novas e mais flexíveis posturas.

A realidade posta denota uma necessidade de empreender esforços no sentido de desenvolver um trabalho de conscientização com os estudantes e profissionais de educação, uma vez que muitos discentes passam por situações de discriminação e são vítimas silenciosas.

Portanto as entrevistas respondem à questão central e os objetivos através das falas das estudantes. Citando uma dessas falas, é possível entender como esses objetivos foram alcançados.

Com relação a temática de fato, embora muitos acreditem que não tem relevância, não é importante, isso não pode ficar fora do currículo oficial, isso é importante sim porque eu vejo, eu percebo essa mudança aqui também no Centro de Educação, quando essas professora começam a discutir, começam a promover eventos em situações para discutir essa temática, eu comecei a ver pessoas, assumindo seus cabelos crespos, assumindo a sua identidade negra, isso para mim foi importante porque ai eu comecei a desconstruir esse pensamento de que aqui não era meu lugar, e comecei a dizer sim aqui é meu lugar, aqui também é um lugar para mim (transcrição da entrevista de Rafaela Maria).

A escolha por trabalhar mulheres negras nessa pesquisa, se deu por presenciar as mesmas no contexto acadêmico, por vê as transformações em seus visuais, como aceitação de seus cabelos crespos, suas vestes coloridas, turbantes, desenvoltura verbal, bem como a autoafirmação dessa identidade negra. Também por ter uma aproximação com essas entrevistadas dentro desses eventos ocorridos na UFPE, foi possível perceber toda essa modificação identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou o processo de construção da identidade negra de estudantes negras do Centro de Educação da UFPE. As histórias de vida narradas nessa pesquisa confirmaram a temática étnico-racial como processo de construção da identidade negra, contribuindo para a formação identitária. As vivências dessas estudantes com a temática étnico-racial contribuíram para a realização desta pesquisa e o desenvolvimento dessas identidades, evidenciadas através das entrevistas e também atribuídas as participações em palestras, eventos e seminários, nas disciplinas eletivas de responsabilidade de alguns docentes, grupos e núcleos de estudos sobre essa temática.

Os relatos dessas estudantes negras esclarecem o seu processo identitário. Na medida em que começam a perceber uma nova realidade se descortinando, bem como, ao interagir com as demais pessoas nesta realidade, passam a entender o espaço do outro como parte desse mundo de diversidades. Ao participarem destes eventos, palestras, grupos de pesquisas e etc., as estudantes negras passam a inserir-se nesse contexto histórico, aprendendo sobre preconceito, aceitação, empoderamento e conhecimento e, conseqüentemente, aprendendo a intervir na contramão dos fatores discriminatórios que contribuem para negação identitária.

A riqueza de relatos pessoais que fazem parte da história de vida dessas estudantes gerou o entendimento do percurso que a temática étnico-racial fez e faz na vida de cada uma delas, como um processo de transformação identitária. Essa pesquisa teve uma repercussão positiva entre as estudantes, uma vez que as mesmas descreveram suas memórias de vida com muita clareza e espontaneidade, expondo-se tanto em suas reações emotivas, bem como, na sua dimensão racional, ou seja, enquanto seres críticos.

A satisfação de poder presenciar a fala dos sujeitos desta pesquisa nos traz a certeza de que precisamos continuar esses debates dentro e fora do espaço educacional.

Para a efetivação das significativas vivências pelas quais as estudantes experimentaram, entendemos a participação de membros do corpo docente como imprescindíveis e mobilizadoras, pois contribuíram no desenvolvimento dos debates acerca da temática em questão. Tal participação configura-se como intervenção de relevância inquestionável, uma vez que essa necessidade de abordar assuntos de necessidade social e étnico-racial parte também da necessidade de pessoas se autoafirmarem como negros/as. Diante das contribuições das estudantes, constatou-se a efetividade do debate e da pesquisa acerca da temática étnico-racial como parte da construção e formação de sua identidade negra, uma vez que as suas afirmações nos esclarecem e confirmam que os objetivos gerais e específicos desta pesquisa foram alcançados.

Como contribuição a partir desta pesquisa, trago para o curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE, os relatos das entrevistadas, que fazem uma explanação de suas histórias de vida dentro dessa academia como estudantes negras, diante disto, vêm fortalecer a temática étnico-racial no Centro de Educação como veículo de comunicação entre estudantes, docentes da UFPE. Tendo entendimento da necessidade de o currículo de Pedagogia ter como obrigatória essa temática étnico-racial para formação docente, uma vez que o curso de Pedagogia traz essa deficiência em suas disciplinas obrigatória. Portanto fica exposta aqui nessa pesquisa, a certeza de que a temática étnico-racial, contribuiu, afirmou emponderou, a identidade negra dessas estudantes do curso de Pedagogia no Centro de Educação. Que essas falas possam trazer para a academia uma visão mais ampla do que é ser negro, bem como de seus espaços por direito diante das Legislações vigentes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004.

BRASIL, Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasília: SECAD; SEPPIR, junho, 2009.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1**, de 17/06/2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>acessado em 25/06/2017

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais**: discutindo algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **O impacto do diferente**: reflexões sobre a escola e a diversidade cultural. In: Educação em foco, Belo Horizonte, ano 4, n. 04, dez. 2000, p. 21-27.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio Grande do Sul: Pallas; São Paulo: Educ, 2001.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOURA, Dayse Cabral de. **Leitura e Identidade étnico-raciais**: reflexões sobre práticas discursivas na educação de jovens e adultos. Recife: Editora UFPE, 2014. 343p.

MOURA, Gloria. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / In: MUNANGA, Kabengele organizador. *ó*[Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il. Cpt 2

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil** ó Identidade nacional *versus* identidade negra. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Ação Afirmativa em benefício da população negra. In: **Universidade e Sociedade**. Revista do Sindicato ANDES Nacional, nº 29, março de 2003. pp.46-52

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

REIS, Maria da Conceição. **Educação, identidade e histórias de vidas de pessoas negras do Brasil**. (Tese em Educação). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife. 2012.